

Recriação portuguesa do **Cântico dos Cânticos**

Pedro Paulo A. Funari*

Salomão, *Cântico dos Cânticos*. Tradução de Antônio Medina Rodrigues, introdução de Adriano Scatolin. São Paulo, Hedra, 2008, 100 p., ISBN 9788577150632.

Não é sempre que se tem uma tradução primorosa nas mãos, embora se multipliquem, nos últimos anos, as boas edições em vernáculo de textos antigos. A originalidade inicial desta nova versão do *Cântico dos Cânticos* consiste em apresentar o texto grego dos Setenta e sua recriação portuguesa, precedida de uma apresentação substantiva de Adriano Scatolin. A introdução permite que o leitor trave contato com as principais discussões a respeito do tema, a começar pela apresentação da lenda sobre a versão do texto sagrado hebraico para o grego, por setenta e dois sábios. O nome com que se consagrou - Setenta (ou Septuaginta) - remonta aos tradutores inspirados por Deus. Por comodidade o número foi arredondado para setenta. Scatolin esmiúça as diversas versões da lenda, para chegar às controvérsias sobre o valor desse texto grego, ante o original hebraico e às versões latinas. A primeira versão latina bem divulgada, conhecida como *Vetus Latina*, partiu não do original hebraico, mas dessa versão grega dos Setenta. Jerônimo investigou as discrepâncias entre as versões hebraica, grega e latina e propôs uma versão do original, que seria denominada Vulgata.

Neste contexto, chega-se ao *Cântico dos Cânticos*. Parte dos Escritos da Bíblia Hebraica, ele constitui o primeiro dos livros lidos na sinagoga nos festivais da Páscoa, Pentecostes, Nove de Ab, Tabernáculos e Purim. O tema amoroso levou a que a história da sua interpretação por religiosos judeus e cristãos se ligasse ao constrangimento e à simbologia. Scatolin dedica atenção especial à

* Professor Titular do Departamento de História, IFCH, Unicamp, Coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/Unicamp).

Primeira Homilia de Orígenes, dedicada aos *Cânticos*. Para Orígenes (185-254 d.C.), já o primeiro verso, “Que me beije dos beijos de sua boca”, indicaria uma oração da esposa, a Igreja, ao Pai, Deus, solicitando a vinda do esposo, Cristo. Em seguida, apresentam-se as visões modernas, bem diversas das interpretações alegóricas. A atribuição do livro a Salomão foi contestada e a maior parte dos estudiosos não pensa a obra como um texto único, mas como uma coletânea de cantos entoados em festas nupciais, proposta já de 1870, apresentada por J.G. Wetzstein.

O texto grego foi produzido, provavelmente, entre o primeiro século a.C. e primeiro d.C., como tradução mais literal do que literária do original hebraico. Já a tradução de Medina procura verter as palavras de acordo com o contexto. Um mesmo vocábulo aparece com diversas nuances, a depender do contexto. Assim, *apagan* é vertido como “amar”, “adorar” e “enamorar-se”. Um numeral como *duo* aparece como “gêmeos” e “ambos”, o que dá bem a noção da ênfase poética do tradutor brasileiro. As soluções podem ser pouco usuais, mas surtem efeito, como:

“Olha, querido, irmão de mim, és belo
E tua sombra é teu agora,
Junto à cama, e bem na frente” (1, 16).

Ou ainda:

“Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém,
Do campo em forças e potências
Não desperteis nem esperteis o amor,
Senão quando ele queira” (3,5).

Medina procura manter, em sua tradução, uma tensão constante entre a beleza almejada e uma fidelidade ao sentido, tal como apreendido por sua sensibilidade. Por outro lado, e de forma complementar, a versão apresentada constitui um exercício de relevância no campo dos estudos históricos e religiosos, pela retomada da versão dos Setenta. Essa versão grega, assim como sua tradução latina antiga, marcou um período decisivo da constituição das igrejas cristãs. Orígenes, assim, construiu toda uma interpretação a partir dos versos gregos e em contexto grego, como quando analisa “Eu sou negra, ó filhas de Jerusalém, e belas como as tendas de Quedar”. Para o padre da Igreja:

“Se também tu não fizeres a penitência, cuida para que tua alma não seja considerada negra e torpe, e não te desfigures por uma dupla fealdade: negra devido aos pecados do passado, torpe por perseverares nos mesmos vícios” (Orígens, *Primeira Homilia* 510^a).

O contexto histórico e religioso original hebraico, com o sol que enegrece, foi transposto ao contexto grego da sujeira associada ao pano sujo e à pele dos que se tinham que dedicar ao degradante trabalho e expor seu corpo aos raios solares.

Em conclusão, pode constatar-se que a leitura atenta desta obra será útil para um amplo espectro de estudiosos, das Letras à Teologia, da História à Filosofia. Terão particular fruição os leitores abertos à criação literária proposta pelo hábil tradutor brasileiro, cujos méritos saltam aos olhos.